

KELLY CRISTINA PINTO MARTINS

**As práticas corporais sistematizadas na escola e a educação para
paz**



Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Pós graduação
"Lato-Senso" Especialização em Educação Física:
saber Escolar, currículo e didática do
Departamento de Educação Física, Setor de
Ciências Biológicas, da Universidade Federal do
Paraná.

**CURITIBA
2005**

KELLY CRISTINA PINTO MARTINS

**As práticas corporais sistematizadas na escola e a educação para
paz**

CURITIBA

2002

KELLY CRISTINA PINTO MARTINS

**As práticas corporais sistematizadas na escola e a educação para
paz**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de especialização em Educação Física, no Curso Educação Física: saber escolar, currículo e didática, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof^ª. Dra Maria Regina Ferreira da Costa

CURITIBA

2005

TERMO DE APROVAÇÃO

KELLY CRISTINA PINTO MARTINS

As práticas corporais sistematizadas na escola e a educação para paz

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dra. Maria Regina Ferreira da Costa
Departamento de Educação Física, UFPR

Banca Prof^a Dra. Carmem Lúcia Fornari Diez
Departamento de Educação Física, UFPR

Banca Prof. Ricardo Marinelli Martins
Prof. Sérgio Roberto Chaves

Curitiba, 28 de abril de 2005

Dedico este trabalho a minhas filhas, esposo e minha mãe . Dedico especialmente aos meus alunos, atores que fazem parte destas linhas e que me proporcionam angústias e ao mesmo instante esperança.

SUMÁRIO

RESUMO	VII
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I VIOLÊNCIA : CONCEITOS E TEORIAS	10
CAPÍTULO II ESCOLA E FAMÍLIA DIANTE DA VIOLÊNCIA.....	16
CAPÍTULO III VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: PERSPECTIVAS PARA PAZ.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

RESUMO

A sistematização deste estudo foi motivada pela constatação de que as manifestações corporais das crianças e pré-adolescentes dentro do contexto escolar apresentam-se, em crescente escala, atitudes de brutalidade uns contra os outros/as em detrimento do trato dialógico nas relações. Com o propósito de estudar a violência no contexto escolar elaborei um estudo bibliográfico centrando nos conceitos e teorias; a escola e família diante da violência e a violência no ambiente escolar: perspectivas para paz. SILVA (1995) diz que a violência simbólica dificilmente surge como problemática para o docente e para escola, por outro lado tanto a escola como os/as docentes reconhecem a violência que deve ser contida com pulso firme e disciplina quando manifestada pelos alunos/as. Banalizar a violência pode torná-la constante e com maior número de adeptos. Diante desse panorama, penso que o professor/a deve estar instrumentalizado para lidar com os conflitos e ponderar perante a situação através do diálogo com alunos/as na busca da construção de valores como respeito ao outro/a, solidariedade, participação, etc. que construirão uma cultura de paz. A Educação Física pode contribuir na busca desses objetivos quando trabalha com os elementos da cultura corporal e almeja a participação de alunos e alunas, a relação entre eles e elas, o respeito ao outro/a, a modificação da regra dos jogos, o ensino de diferentes atividades corporais, utilização de materiais diversificados, etc.

Palavras chaves: *violência, educação física, elementos da cultura corporal.*

INTRODUÇÃO

Esta monografia foi elaborada com o intuito de estudar a temática da violência iniciando com conceitos e teorias para que na sequência relacionar com a violência que ocorre no ambiente escolar, especialmente no ensino fundamental, onde este comportamento tem sido observado e suscitado preocupações dos profissionais. Este trabalho busca o aprofundamento das questões relacionadas ao comportamento corporal agressivo e violento que é desencadeado durante as relações pessoais e nas relações entre os alunos e alunas no interior da escola e seus arredores.

A sistematização deste estudo foi motivada pela constatação de que as manifestações corporais das crianças e pré-adolescentes dentro do contexto escolar apresentam-se, em crescente escala, atitudes de brutalidade uns contra os outros/as em detrimento do trato dialógico nas relações. Tais manifestações corporais são banalizadas no contexto escolar, salvo se as vítimas apresentam lesão corporal que evidencie a violência ou não, ou se as mesmas não se conformam com o desrespeito cometido. Em consequência destes atos, as pessoas agredidas procuram além daquele/a que ignorou sua indignação outro educador ou educadora que escutem seus lamentos.

A violência vivenciada na escola, por vezes é justificada como brincadeira pelos alunos/as envolvidos/as. A brincadeira assim entendida é realizada através de um diálogo de difícil compreensão com socos, empurrões, pontapés, puxões... que acabam em constrangimento e comprometimento da integridade física dos alunos/as. Além das agressões

físicas, os alunos/as utilizam-se das agressões psicológicas subjugando, humilhando e ofendendo suas vítimas.

Devido a observação crescente de violência no contexto escolar, acredito que o presente estudo pode proporcionar subsídios teóricos a minha prática pedagógica como professora de educação física no ensino fundamental , assim como aos profissionais que atuam em contextos violentos. Além disso, a violência escolar pode ser diagnosticada, mais especificamente em relação as crianças da educação infantil e ensino fundamental, que estão inseridas neste contexto como vítimas, espectadoras e reprodutoras de atos violentos nas mais variadas classificações.

PROBLEMA:

As práticas corporais sistematizadas no contexto escolar podem auxiliar na perspectiva da educação para paz?

PERGUNTAS NORTEADORAS:

O que dizem os teóricos sobre a violência?

A escola e a família podem compartilhar no sentido de mediar as ações violentas?

As práticas corporais sistematizadas na escola podem auxiliar na perspectiva da educação para paz?

CAPÍTULO I

VIOLÊNCIA : CONCEITOS E TEORIAS

Para que a discussão sobre a violência no contexto escolar, particularizando o ensino fundamental, seja discutida é necessário apresentar algumas conceituações sobre a violência e é interessante observar que para se chegar a um certo consenso nestas definições foram fundamentais que no decorrer da história, alguns aspectos fossem interpretados igualmente por diferentes povos e deste modo foram construídos os valores éticos (CHAUÍ, 1997).

Para CHAUÍ (1997, p.336-337) “... a violência é percebida como exercício da força física e da coação psíquica para obrigar alguém a fazer alguma coisa contrária a si., a seus interesses e desejos, contrária ao seu corpo e à sua consciência, causando-lhe danos profundos e irreparáveis...localizando a violência em tudo aquilo que reduz o sujeito à condição de objeto”.

A UNESCO (2002 p.73) não define o conceito de violência como absoluto e o resume de duas maneiras:

- 1) Intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) ou de grupo(s) e também contra si mesmo, abrangendo desde suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos , assaltos e homicídios até a violência no trânsito (disfarçada sob a denominação de acidentes), além das diversas formas de agressão sexual. As violências podem ser agressão física, homicídios, estupros, ferimentos, roubos, porte de armas.

- 2) Forma de violência Simbólica (abuso de poder, baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade); verbal; e institucional (marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder).

ROYER, pag. 81 esclarece que foram realizados estudos de caráter exploratório por Walker (1989) sobre a questão da violência no contexto escolar no fim da década de 80, porém não se pode afirmar que no contexto cultural europeu exista um consenso tangente a definição do que vem a ser violência. O mesmo autor ressalta que acerca das intervenções mais adequadas existe a necessidade de um conceito de violência escolar que permita o trabalho integrado de diversas disciplinas e especialistas enfatizando que o conceito sobre violência escolar deve levar em consideração o “ fenômeno psicossocial multifacetado” e não somente as características individuais dos sujeitos.

O autor acima citado enfatiza a necessidade de uma definição que considere as características interdisciplinares, com o cuidado de não banalizar o problema que é a injustiça e a crueldade, buscando um conceito que permita o trabalho preventivo aliado a pesquisa.

ORTEGA et al. UNESCO (2000) realizou uma revisão histórico-crítica do tema afirmando que a violência é uma produção humana evidenciada nas relações entre os seres humanos e seus ambientes imediatos e também nos ambientes mais indiretos. Adverte sobre a importância da dimensão moral na análise conceitual da violência pois pessoas e grupos institucionalmente provocam atos de violência quando não possibilitam que outras pessoas possam usufruir livremente dos direitos humanos.

Existem algumas divergências entre os autores em relação aos aspectos conceituais de violência, pois quando esta ocorre na instituição escolar evidenciamos que a mesma se

converte em exclusão além das manifestações de violência simbólica que incluem aspectos psicológicos, morais e físicos .

Alguns autores como (Olweus, 1999. et alli) preferem reservar o termo violência para significar os maus-tratos que se manifestam como agressão física frente a outros tipos de conduta agressivas supostamente não-violentas.

Embora a visão da maioria dos autores comungue também com a visão mais abrangente, considerando elementos como a ética, a moral, os fatores psicológicos e sociais ligados estreitamente com a violência e mais especificamente com a violência escolar.

... o selvagem vive na floresta com base em meias dúzia de normas consensuais que nem escritas precisam ou podem estar ; o mais é liberdade de movimentação e expressão vital. Já nós que vivemos no chamado “ meio civilizado”, temos que assinar contratos e compromissos, viver sob códigos civis, penais , de trânsito, de ética, sob disposições legais trabalhistas e até convenções de condomínio legalmente registradas. Nossa vida civilizada, aparentemente mais confortável, é fortemente opressiva, isto, na racionalidade freudiana, aponta para que : quanto maior for a repressão, mais violenta será a reação dos reprimidos, sempre que esta encontrar canais de expressão. (MORAIS, 1995, p.23)

WERTHAM (s/ano.pg,15) consideram a violência como uma ação física destruidora contra outra pessoa, entretanto, a exemplo de outros autores, também destaca a violência em sentido mais amplo, a qual define por violência figurativa ou simbólica, esta pode ser “intangível”, porém, pode ser vista e ouvida. Os autores ilustram este conceito oferecendo exemplos de enunciações verbais, mas os mesmos têm seu efeito psicológico. “*Vou quebrar-lhe o pescoço, vou dar-lhe um murro no nariz*”. Pensando nestes exemplos, pode-se ainda citar as diversas agressões verbais utilizadas entre os alunos/as e mesmo entre os/as docentes ou docentes para com os/as alunas durante as aulas causando deste modo transtornos

emocionais que marcam profundamente no seu íntimo as pessoas agredidas, essa forma de violência é tão importante quanto a agressão física.

O autor considera ainda que, o barulho das grandes cidades tais como altos falantes, rádio com som altíssimo, os anúncios ruidosos da TV, entre outros, como violência no seu sentido amplo, relacionadas à certa crueldade em pensamentos e sentimentos . Este aspecto invade as áreas da política, da vida econômica, da arte, da literatura e das relações entre os seres humanos que acabam envolvidos sem perceber. O autor retrata que a violência simbólica pode ser explicada em parte pela psicologia social, quando o ambiente é tolerante, aprovador, porém se o mesmo for recompensador das expressões violentas este comportamento passa a ser intensificado. Tal violência simbólica é disseminada na sociedade pela busca incansável do sucesso a qualquer custo, onde os elementos norteadores são semelhantes à violência.

O conceito de violência implica intencionalidade, o que exige inteligência razão pela qual os irracionais não são violentos, mas ferozes. Violência é, portanto, coisa de seres humanos . E devemos dizer, embora com lástima, é coisa que está no âmago das personalidades. (MORAIS.1981.Pag. 20)

A este dilema pode-se incluir, porém, com ênfase um tanto mais acentuada pensamento de Daudoun que responsabiliza a própria existência do homem com o surgimento da violência, não existindo forma de extingui-la e, e a ação de amenizá-la é frustrante .

Nada do que de há de pior na violência é estranho ao homem. Balanço aterrorizante que proporciona em nossas almas uma desesperança infinita. Nem o curso hegeliano da história, com seu “negativo” – sua violência – “ dialeticamente” trabalhando para levantar

sempre mais alto o Espírito, nem o que se chama “circunstâncias”, a necessidade – o princípio que diz “ sendo as coisas como são”, conseguem dar conta do maquinário de horror que se empanturra com a “ carne palpitante”, da humanidade. É preciso ver nisto um fato estruturante que designa o homem como sendo fundamentalmente, primordialmente, um ser de violência , *homo violens*. E certamente , ai também vem atado o impulso - o primeiro de uma racionalidade , a curva ou o *clinamen* – minúsculo mas decisivo desvio do *homo sapiens sapiens*; (DAUDOUN, 1998 p.102)

Ao longo dos séculos, éticas , filosofias , políticas , terapêuticas e exorcismos de todas as naturezas esforçaram-se em romper a engrenagem e desprender-se do domínio soberano da violência – para conseguir os poucos e irrisórios resultados que se conhece. (DADOUN, 1998. p.102.)

MORAIS (1995), observando grandes escritores tais como Nietzsche, Freud e Hobbes reafirma a violência como um elemento originário dos impulsos humanos. Salienta que no mundo não existe uma subdivisão onde de um lado estão os violentos e de outro os pacíficos, entretanto, diz que a violência é praticada e louvada por seres humanos, enquanto que, igualmente outros seres humanos, lúcidos e vigilantes sobre sua potencialidade violenta, combatem sem descanso no intuito de diminuir a violência diante do mundo imperfeito e da nossa condição. Em resumo, este autor esclarece (1995, pág. 21) “ Nossa condição é paradoxal : somos criaturas mais ou menos violentas, porém dotadas de uma racionalidade que, em seu melhor uso, abomina as manifestações de violência” .

CASTRO (1981) retoma a questão destacando que os estudiosos do tema relacionam a violência como consequência do comportamento humano, porém este autor adverte que os estudiosos esquecem de exaltar a “Revolução Industrial, seu credo e filosofia individualista”

como sua verdadeira vertente, aquela que deu início ao que se conhece hoje como violência. Isto significa que, este movimento transformou a máquina num grande ser e reduziu o ser humano à um ser autômato.

Neste sentido, o autor ressalta algumas características surgidas neste período e que estão intimamente relacionadas à violência. A competição relacionada a ação, a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso, a corrida incontrolável pelo poder, o lucro a qualquer custo. Neste tipo de sociedade não existe paz entre as pessoas, o relacionamento humano é baseado na individualidade, o dinheiro é a unidade de medida na valorização do ser humano.

Diante de conceitos e teorias sobre o despertar da violência está o homem e a mulher, este é o algoz e a vítima das ações violentas em nossa sociedade, sim, porque é o ser humano, o homem e a mulher, quem sofre e quem faz sofrer, é dele que surge a violência, ou da sociedade que também é construída por ele. Este homem e mulher, são os mesmos que apaziguam e abominam todo gesto de brutalidade e toda forma de injustiça .

CAPÍTULO II

ESCOLA E FAMÍLIA DIANTE DA VIOLÊNCIA .

Diante de um mundo complexo e competitivo devemos estar em constante reflexão sobre o que conhecemos e perguntarnos como conhecemos o que conhecemos. Acredito que esse modo de refletir sobre o conhecimento seja o que Morin (1998) assinala que a progressiva complexidade do pensamento atual, nos impõe pensar além da organização disciplinária dos conhecimentos. Para articular e organizar, conhecer e reconhecer os problemas do mundo é necessário uma reforma do pensamento fundamentado no contexto e na complexidade. Assim que articular não significa homogeneizar o conhecimento do mesmo modo que respeitar a diversidade não significa fazer um simples catálogo.

“ A violência simbólica também produz, em nossa sociedade, maior consideração, predominância, ao princípio do sucesso-a-qualquer-preço. A busca implacável do sucesso é permeada de elementos semelhantes à violência. Passar a perna em outrem, sobrepujar alguém, são fatos social e economicamente recompensados. Em alguns círculos acadêmicos e intelectuais, existe uma filosofia popular de expressão própria e que, em parte, ensina os jovens a seguirem seus impulsos agressivos, não importando o que isso possa significar para os outros” (WERTHAM, s/ano.p.16)

Pensando na citação acima, podemos dizer que as características que de fato diferenciam os seres humanos de outras espécies, se tornam secundárias, transformando as pessoas em coisas. Diante desta reificação do ser, pode-se questionar quais são os aspectos evidenciados na escola, que através das manifestações corporais demonstram o desejo de violência ou a própria caracterização desta. PEREZ (2001,p.12) analisa que... “ a escola como

cruzamento de culturas provoca tensões, aberturas, restrições e contrastes na construção de significados”.

As crianças iniciam sua jornada escolar com quatro anos de idade, oriundas de diversos ambientes, com as mais variadas histórias de vida que se misturam no ambiente escolar. Ao sentarem nas carteiras escolares, geralmente um atrás do outro, pergunta-se o nome de cada ser humano que ali se encontra. O nome é o que cada criança é, até chegar naquele banco. Talvez a maioria continue sendo, mas certamente, aqui se inicia a padronização dos corpos, dos jeitos, é onde alguns pela primeira vez conhecem o preconceito.

As diferenças se confrontam e a violência sob sua forma mais discreta ou mais extravagante aparecem para impor pontos de vista, para cobrar e fazer cumprir as ordens da mídia, quem é o mais forte, como é que homem tem que agir, como é que menina tem que se vestir. Mostrar que o melhor é aquele que tem o respeito do outro por que ele tem status, porque ele tem poder e possui coisas que a televisão disse que o fariam um ser humano melhor.

Em contrapartida, o outro ser, aquele que senta ao lado, simplesmente não tem o que comer. As crianças ao iniciarem na escola estabelecem um elo com o mundo sistematizado da língua portuguesa, da matemática enfim da ciência, entretanto, mais do que isso, passam a pertencer e a estabelecer uma dinâmica de confronto permanente que permeia as diferenças no ambiente escolar. Talvez, nem o nome deste ser que ingressou na escola permaneça o mesmo após este confronto.

A violência é um dos aspectos que quero ressaltar neste trabalho que passa a ser mediadora neste processo, os alunos, as alunas, crianças, pré-adolescentes, imaturos e sem

auxílio, passam a ser algozes ou vítimas, por vezes trocam ou experimentam o papel contrário, ou permanecem em determinada condição.

A escola se prepara para ensinar, mas acaba ignorando estas questões tão presentes no seu interior e que acabam influenciando o processo ensino aprendizagem causando freqüentes problemas, hoje no ambiente escolar, e conseqüentemente na sociedade .

PÉREZ GOMES (2001) retrata esta questão quando define a escola como um cruzamento de culturas e analisa as dificuldades encontradas por esta instituição na mediação, não especificamente nos aspectos que tratam da violência, mas da cultura que estão interligados.

A escola e o sistema educativo, em seu conjunto, podem ser entendidos como uma instância de mediação entre os significados, os sentimentos e as condutas da comunidade social e o desenvolvimento particular das novas gerações. A escola impõe, lentamente, mas de maneira tenaz, certos modos de conduta, pensamentos e relações próprios de uma instituição que se reproduz a si mesma, independente das mudanças radicais que ocorrem ao redor. (PÉREZ GOMES, 2001,p.11).

A escola é uma instituição com particularidades ímpares, isso pode ser percebido pelas crianças que ao ingressarem pela primeira vez, ansiosas em seus corredores, em suas salas, em seus arredores passam a fazer parte deste ambiente e a participar do processo de adaptação ao ambiente escolar, no decorrer deste processo a criança deixa de ser criança para ser aluno e aluna.

De acordo com OLIVEIRA (2004) o significado de ser aluno é em primazia, tomar para si o que lhe for determinado, e isso deixa claro que deve haver um contínuo

desprendimento em negar todo resquício de elo com o natural. Por outro lado, quanto maior o distanciamento mais próxima a relação cultural e consequentemente “o processo de escolarização.”

Desta maneira, a escola no intuito de aproximar o indivíduo da cultura, o faz ignorando que os indivíduos que nela ingressam são culturais e pressupõe que descartem essa bagagem cultural em detrimento do que a escola os oferece. É necessário identificar o que pressupõe o termo cultura para que se possa identificar estes aspectos.

...conjunto de significados, expectativas e comportamentos compartilhados por um determinado grupo social, o que facilita e ordena, limita e potencializa os intercâmbios sociais, as produções simbólicas e materiais e as realizações individuais e coletivas dentro de um marco espacial e temporal determinado. A cultura, portanto, é o resultado da construção social, contingente às condições materiais, sociais e espirituais que dominam um espaço e um tempo. Expressa-se em significados, valores, sentimentos, costumes, rituais, instituições e objetos, sentimentos (materiais e simbólicos) que circundam a vida individual e coletiva da comunidade. (PEREZ GOMEZ, 2001, p.17)

Diante das considerações apresentadas pode-se perceber como o surgimento da violência no ambiente escolar é determinado de maneira sutil . São diversos aspectos a serem considerados diante da sua complexidade do fenômeno da violência, entretanto, a própria instituição escolar a faz surgir e ressurgir quando insiste em controlar o indivíduo, manipular, rotular e por fim excluí-lo quando não for possível sua adaptação. Esta é sem dúvida uma manifestação de violência simbólica retratada por aquela que deveria ser a mediadora destes conflitos evidenciando sua ação educativa.

“A escola, de fato, institui cidadania. É ela o lugar onde as crianças deixam de pertencer exclusivamente à família para integrarem-se numa comunidade mais ampla em que os indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de afinidade, mas pela

obrigação de viver em comum. A escola institui, a coabitação de seres diferentes sob a autoridade de uma mesma regra” (CANIVEZ, 1991 p. 33) . Tal aspecto é interessante destacar, no tocante a comunidade escolar, mais especificamente às famílias dos alunos.

É comum observar que as mães levam seus filhos/as a escola e os coloca dentro do seu recinto como uma forma de proteção e talvez como curiosidade. Muitas mães ficam esperando que seus filhos/as entrem pátio adentro, tentando vislumbrar através das frestas para onde estão indo. Quiçá tentando imaginar, o que irá acontecer a partir daquele momento, o que seus filhos/as irão aprender?; Como estes professores/as que chegam apressados estão ajudando na formação de seus filhos/as?; Serão eles/as confiáveis?; Trabalham pautados em defender interesses de quem?

Por outro lado, também é possível encontrar, com frequência, crianças muito pequenas, indo a escola sozinhas, atravessando as ruas, pulando o valetão para cortar caminho, tomando para si a responsabilidade de sobreviver ao assédio das drogas, da violência sexual, da formação de gangues, etc., ou seja, expostos a tudo e a todos/as.

A estratégia utilizada pela instituição escolar para mediar os conflitos vividos pelas crianças destas famílias deve considerar as diferentes realidades, percebendo que os comportamentos não poderão ser padronizados e que a violência no ambiente escolar pode se apresentar desta vertente, ou seja, querer tratar todos/as iguais que possuam condições de entrada diferentes.

Estudos realizados por DEBARBIEUX et.alli UNESCO (2000) demonstram que os problemas familiares e especificamente “monoparentesco e violência” não apresentam relação direta. Os moldes elucidativos apresentados são ligados por diversos fatores, e os aspectos relativos a família podem se apresentar, entretanto não como uma justificativa em si.

Os fatores familiares influenciam o comportamento dos alunos/as no ambiente escolar como tantos e diversos outros fatores relacionados a vida em sociedade, especialmente, numa sociedade visivelmente injusta, em que o crime nas suas diferentes formas de manifestação prepondera.

Alguns fatores concorrem para o resultado de violências cometidas no ambiente escolar ZALUAR (1992) quando estas situações são vivenciadas no próprio seio familiar diante do autoritarismo demasiado, na comunidade carente, desestruturada e com elevado grau de delinquência, e ainda, na mídia retratando situações de violência que incidem diretamente em seus espectadores. Neste contexto, retrata a escola como participante da realidade social mais ampla, entretanto, sua competência encontra limites em “ contrastar ” diante desta realidade que a sociedade lhe apresenta.

Colocar o problema sob o prisma de que a família é a responsável por um determinado comportamento da criança pode ser arriscado. A família, assim como a escola e a mídia, todos são colaboradores na formação do ser humano. Seres humanos estes, que sairão as ruas e ficarão um pouco mais ou um pouco menos chocados, com as violências que certamente encontrarão ou que assistirão pela televisão. Isto depende da maneira que aprenderam a ver e querer viver na sociedade.

Com isso, quero dizer que a escola é um canal importante na sociedade na medida em que pode vislumbrar uma mediação dos problemas emergentes no dia a dia fazendo com que os alunos e as alunas reflitam sobre os mesmos. Este é um instrumento que se for encarado de frente poderá melhorar a sociedade e quiçá transformá-la. Se a preocupação da escola, professores/as e da família é a violência, todos/as, de forma integrada e anteriormente

discutida, poderão trabalhar a o respeito ao outro/a trabalhando com valores direcionados para a paz.

As ponderações de ABRAMOWAY et alli UNESCO, (2000) que não obstante às condições defrontadas “ a violência é construída e, logo, pode ser também desconstruída”, através de planejamentos astutos que auxiliem as instituições escolares a enfrentar as atitudes violentas, sejam elas oriundas do ambiente externo, quanto aquelas que se estabelecem em seu interior. Afirmar ainda, que algumas escolas vivem um histórico de violências e que, outras encontram-se em tal situação por diferenciadas causas, sendo que a procedência da violência é parte integrante do que é “institucional e social”, e estes aspectos estão expostos à transformações.

A escola e a família se apresentam como componentes estruturais na vida do ser humano pois intervém no comportamento do indivíduo, em seu modo de ser e de ver o mundo. A sociedade em que vivemos tem se mostrado desumana diante de tanta desigualdade social e da brutalidade dos diversos tipos de violência a que se pode assistir nas esquinas, à distância e nas instituições em questão. Escola e família necessitam trabalhar unidas através da mediação diante de situações violentas e para que tal mérito seja possível é indispensável certo grau de integração e envolvimento entre elas.

“Escolas organizadas, bem cuidadas com regras claras de comportamento, com segurança no seu exterior e interior, onde existe um clima de entendimento, valorização dos alunos e dos professores, diálogo, sentimento de pertencimento e poder de negociação entre os diferentes atores podem mudar situações críticas. Assim como cultivar os vínculos com a comunidade, abrir as escolas nos finais de semana, para atividades sociais, culturais e esportivas, e ainda contar com a participação dos pais dos alunos pode tornar as escolas espaços mais seguros e novamente respeitados na sociedade. (Abramoway, 2000 pag. 85).

Acredita-se que escola e família discutindo e buscando soluções para os mais variados tipos de conflitos que as envolvem, possam ser aliadas no crescimento cultural dos alunos/as e não antagônicas diante de problemáticas que lhes são tão comuns. Assim, pode-se vislumbrar estas crianças e adolescentes num futuro poderão se tornar grandes cidadãos e seres humanos sensíveis as diferentes discriminações que diminuem homens e mulheres.

CAPÍTULO III

VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR: PERSPECTIVAS PARA PAZ

É notória a preocupação existente em relação a violência no ambiente escolar. A escola é considerada omissa ou responsável pelo desencadeamento deste processo, ao transmitir a cultura através do currículo, métodos, didática, entre outros aspectos que se revelam no cotidiano de uma escola.

Essas idéias são reforçadas por SILVA (1995) quando esta autora relaciona a escola como “refletora do modelo violento de convivência social” e deste modo chama a atenção para a seriedade no ato docente, pois os docentes muitas vezes não compreendem que suas práticas são transgressoras no que se refere ao direito das crianças. A autora classifica este tipo de violência como “simbólica” destacando a sutileza, ou seja, normalmente esta não aparece, de modo a obscurecer e disfarçar as situações conflituosas.

Como explicitado pela autora, a violência simbólica dificilmente surge como problemática para o docente e para escola, por outro lado tanto a escola como os/as docentes reconhecem a violência que deve ser contida com pulso firme e disciplina quando manifestada pelos alunos/as.

Quando determinam-se regras a serem respeitadas se supõe que deva existir uma certa disciplina para que isso seja possível. A disciplina na escola é um dos aspectos constantemente discutidos, principalmente sob o seu viés contrário, da indisciplina, o qual pode-se destacar como principal motivo do início dos diferentes tipos de violência no ambiente escolar.

O surgimento dos diferentes tipos de violência não acontecem de forma gratuita, pelo contrário, estão repletas de significação (WOODS, 2001), são na verdade um contra ataque à violência já sofrida anteriormente, provavelmente com o intuito de instauração da disciplina escolar.

De acordo com Foucault (1996) os procedimentos disciplinares existem desde muito tempo, conventos, igrejas, exército, porém as disciplinas chegaram a ser no decorrer da história nos séculos XVII e XVIII instrumentos de dominação.

Foucault (1996) assinala que o momento histórico da disciplina é o momento que nasce a arte do corpo, que não só aumenta suas habilidades, nem tampouco deixa mais pesada a sujeição, senão que a formação do vínculo, no mesmo mecanismo, o faz mais obediente quanto mais útil e, vice-versa. Formando-se deste modo, uma política coercitiva que constitui um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, dos seus gestos, dos seus comportamentos. O corpo entra num mecanismo de poder que o explora, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; define como se pode apegar ao corpo dos demais, não para que façam o que desejam, mas para que opere como querem, ou as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia determinada. Assim, a disciplina fabrica corpos submetidos e exercitados corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo, nos termos da economia da utilidade, e diminui essas mesmas forças, em termos de obediência.

...os indivíduos, submetidos à regulação do tempo e do espaço, seguem se controlando e controlando os outros, pois a lógica de rendimento da grande máquina de ensinar – a escola – não pode ser quebrada. Isso colabora para gerar uma certa diferenciação entre os alunos, com a exaltação dos conformados e o repúdio por aqueles que não se adequam e insistem em desafiar as normas estabelecidas. Nesses casos, os dispositivos

de repressão são constantemente acionados e a ameaça, que muitas vezes é realizada de forma direta ao corpo, determina um recuo daquele que subverte e o resultado é a adaptação, gerada pela necessidade de auto- conservação. Em síntese, a idéia do medo é a base de sustentação da atual educação. ...é importante situar que, mesmo provocando uma ação coerciva momentânea, os efeitos daquilo que foi reprimido não deixam de existir, pois, tal como lembra Freud (1997), ficam retidos e acabam voltando em uma intensidade ainda maior, não raro, sob forma de ira e violência (OLIVEIRA , 2004, p. 3)

A autora acima citada identifica através de suas pesquisas que existe um elo entre a formação e a ação de professores nas condutas agressivas na escola, onde os professores se utilizam de intervenções que estão longe de ser as adequadas, sendo a punição eleita como estratégia mais utilizada para evitar os comportamentos agressivos.

O estresse, tão presente na profissão docente, especialmente em ambientes violentos (ROYER, 1998) é decorrente justamente de políticas disciplinares inadequadas que acabam prejudicando a relação professor/a e aluno/a. Com uma formação deficiente sentem dificuldades ao interferir diante das atitudes comportamentais problemáticas dos alunos/as. Os/as docentes e diretores escolares tratam dos comportamentos indisciplinados e rebeldes utilizando-se da punição e, com frequência se posicionam de forma coercitiva. E como consequência dessas ações geram mais violência.

A violência neste caso passa a ser exercida de ambos os lados, como se fosse uma disputa. Escola, professores/as, alunos/as e comunidade desconfiam de suas competências educativas, pois não há objetivos comuns. Deste modo, os alunos/as tentam enlouquecer os professores/as, que por sua vez, não conseguem entender tanta revolta, desinteresse, vandalismo, agressividade e indisciplina dos alunos/as.

A violência no ambiente escolar não é aquela que ocorre somente dentro de sala de aula, onde os alunos/as estão supostamente, controlados e com o espaço limitado dentro dos limites das suas carteiras. A violência também está presente no espaço, recreio e aulas de Educação Física, onde os aluno/as se encontram com uma maior “liberdade” de expressão através de seu corpo.

Nesse espaço, a violência a qual me refiro é a falta de respeito pelo corpo do outro, agressões, insultos, apropriação indevida do que é do outro, destruição dos materiais, “brincadeiras” que machucam e insultam, desprezam e demonstram desdém pelas idéias dos colegas.

Nos dias de hoje este tipo de violência tanto física como psicológica já tem até nome, é o famoso *bullying*. Este comportamento é noticiado em jornais escritos, televisivos e tem demonstrado a preocupação crescente da sociedade diante desta situação.

Por outro lado, é na escola, lugar onde o *bullying* atinge seu ápice na banalização deste tipo de violência. A escola ao ignorar tais atitudes e não tomar para si as responsabilidades no sentido de trazer a tona ditos comportamentos violentos, reprovadores referentes agressão contra um colega, apropriação indevida de material do colega, insultos referentes ao peso corporal, altura, habilidades, cor, sexualidade, enfim desprezo pelo outro, ou seja, atitudes que reprimem e reprovam os outros/as colabora na produção e reprodução destes comportamentos violentos. A escola deveria dialogar com o problema e quando falamos de escola estamos falando de diretores/as, professores/as, alunos/as, pais e mães, secretarias, faxineiras, enfim todas as pessoas que estão envolvidas com a comunidade escolar para refletir o problema que nos aflige. Se não existir intervenções no sentido de tentar resolver essas situações, quem é acossado não se sente seguro no ambiente escolar e pode

chegar a situações limites por exemplo como tentativa de suicídio, largar os estudos, etc. enquanto os acoessadores/as experimentam sentimento de superioridade e aplaudem suas atitudes e comportamentos.

Uma das questões passíveis de serem levantadas seria a do comportamento agressivo gratuito, ou seja, os alunos/as se agriem sem motivo algum, ou por qualquer motivo banal. Isto de fato não acontece, pois o agressor tem motivos bem delineados quando faz suas vítimas, até mesmo inconscientemente. Já Woods (2001) chama a atenção para os “significados” que podem estar relacionados aos comportamentos indisciplinados e violentos na escola. Destaca que é necessário uma investigação para apurar os diversos fatores a serem considerados nesta situação tão abrangente, procurando desvendar o que certamente mantém longa distância de ser gratuito .

Se os acontecimentos violentos não rendessem admiração de outros colegas e o respeito do agredido, talvez não fosse tão interessante este tipo de comportamento. Poderia se dizer que estes seriam alguns dos motivos para as crianças agirem violentamente, provocando os colegas, batendo e fazendo brincadeiras desagradáveis. Outra questão é a da impunidade, pois os adultos não proporcionam a atenção que tal ato requer, ao que chega a ser um drama na vida escolar de algumas crianças que vivenciam este tipo de abuso dos seus colegas.

A banalização da violência por parte dos educadores/as e a valorização da mesma pelos alunos/as tende a torná-la constante e com maior número de adeptos. É como se a agressividade no ser humano, fosse considerada um fenômeno natural tornando este quadro imutável.

Segundo Castro (1981, p.11) todo o animal é violento e isso ocorre através de seu instinto e mecanismo de auto-proteção. Assim, a agressividade é considerada vital para o

animal e sob o seu prisma genético é até salutar. Entretanto, esta característica não os torna obrigatoriamente destrutíveis.

Por outro lado, este mesmo autor destaca que no ser humano, não existe um núcleo de agressividade. Explica que há um sistema “neurofisiológico” que quando estimulado, desencadeia a agressividade. Portanto, se os estímulos externos forem positivos criando um clima favorável ao desenvolvimento das potencialidades humanas num clima pacífico, certamente o comportamento agressivo não acontecerá tão freqüentemente.

Se na escola, as crianças forem submetidas a sentimentos angustiantes, ficando inseguras, com raiva, tensas e com medo, conforme as idéias de (Castro, 1981) isto poderá desencadear ações agressivas e desmedidas nas crianças. Porém, há que entender que muitas vezes as crianças são socializadas em casa, vizinhança, etc. Num ambiente agressivo, também não há que reverter o problema só para a escola, mas esta pode ter sua parcela de colaboração no sentido de dialogar sobre o problema. Daí que concordo com Castro quando diz que a educação¹ e as regras de convivência social exigem o controle da agressividade do homem. Seu comportamento agressivo pode ser contido ou inibido pela razão, vontade inteligente, regras sociais. (CASTRO, 1981, p.11)

Os modos em que a violência humana pode ser desencadeada são diversos. No que se refere as crianças é necessário observar e interferir nos comportamentos no sentido de que a mesma entenda suas ações e suas conseqüências na vida das pessoas.

¹ Educação em casa, na escola, vizinhança, meios de comunicação, etc.

A violência no espaço escolar acontece a todo momento em qualquer aula, entretanto, como já foi dito anteriormente, os momentos em que os alunos/a estão livres acabam se tornando mais propícios, principalmente para o desencadear de agressões físicas e brincadeiras de contato físico, que acabam com desentendimentos.

O recreio e as aulas de Educação Física são espaços onde a educação para a paz e o ensino do respeito ao outro/a. pode ser exercitado. As aulas de Educação Física podem colaborar de forma significativa nessa empreitada, por outro lado podem da mesma forma criar um clima de “guerra” ao reforçar comportamentos preconceituosos, individualistas, entre outros.

Observar uma situação de um jogo onde ocorrem conflitos diversos entre os alunos/as e não interferir, não tem um significado educativo. Esta intervenção, no entanto, não deve ser um balde de água fria para acalmar os ânimos que serão resolvidos pelos alunos/as após atravessarem os portões da escola. O professor/a deve estar instrumentalizado para lidar com os conflitos e ponderar perante a situação e neste sentido dialogar com alunos/as na busca da construção de valores como respeito ao outro/a, solidariedade, participação, etc. que construirão uma cultura de paz.

Os conteúdos trabalhados devem ser adaptados para que todos/as possam participar, desde aquele com muita habilidade até aqueles com muitas dificuldades. , mas isso não quer dizer que seja necessária a participação sempre de todos juntos, em alguns momentos será necessário que haja alguma separação para que as alunas e alunos possam aprender algumas habilidades para poder participar ativamente das atividades Os valores que cada elemento da cultura corporal - jogos, dança, esporte, lutas, ginástica- (COLETIVO DE AUTORES, 1992)

carrega através dos tempos, deve ser analisado à luz da nossa realidade e de como a desejamos.

BROTTO (1997), entre outros autores, nos apresenta alguns elementos da cultura corporal em forma de jogos cooperativos. São jogos de aceitação e cooperação, jogos para compartilhar. As crianças brincam umas com a outras e não umas contra as outras. Estes jogos eliminam o medo do fracasso, reforçam a confiança da criança em si mesma. A cooperação está diretamente ligada a comunicação, coesão, confiança e ao desenvolvimento da capacidade de interação social positiva. Através das experiências cooperativas a criança aprende a compartilhar, a ter empatia com as demais, a se preocupar com os sentimentos alheios e a colaborar para ter um bom relacionamento.

“São ações simples, porém poderosas porque nascem no coração de cada UM e tocam o coração de TODOS, transmitindo uma mensagem: Fazer a sua parte em harmonia com os outros para o benefício de todos. (BROTTTO,1997,p.22) .

É animador verificar a existência de professores que se preocupam com as questões conflituosas que envolvem o ambiente escolar, procurando soluções para encaminhamentos mais justos e solidários como é o caso dos jogos cooperativos propostos por Brotto entre outros autores deste tema . É interessante notar que os trabalhos acadêmicos vem considerando diversos temas os quais envolvem a sexualidade, a violência, a inclusão, classes sociais, movimentos populares, entre outros de várias áreas. Tal observação nos leva a crer na existência da vontade política dos professores e na contínua capacitação para a sua competência técnica integrada às transformações e ansiedades de nossa sociedade.

A violência se instaura através das pessoas e através das injustiças que imperam em nossa sociedade, há que se educar a humanidade em busca da justiça e da paz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar do tema violência relacionando-o com o ambiente educacional não é tarefa fácil, particularmente quando se está envolvido neste processo e tentando desvendar as mais variadas causas do comportamento agressivo e violento.

Ao observar as crianças na escola e seus arredores, é possível perceber comportamentos de agressividade, rebeldia, revolta, entre outros que ora ou outra desencadeiam a ação violenta. Entretanto, são nítidos os comportamentos apáticos, temerosos, desinteressados a qualquer atividade que se realize no ambiente escolar. Pode-se aqui notar dois tipos de condutas, uma que oprime e outra que é oprimida.

Estes dois comportamentos aparecem tanto quanto a violência é mais perversa. Assim as diferentes formas de violências se sucedem, daí que hierarquicamente quem é mais forte oprime o mais fraco, rico domina o pobre, o maior esmaga o menor e assim sucessivamente. Porém quando a pessoa consegue inverter seu papel de oprimido muitas vezes passa a ser o opressor.

A violência acontece em duas instâncias: a primeira quando é expressa pelo poder desmedido e antidemocrático e a outra quando o medo e a submissão encontram brechas para dar vazão a sua revolta. Isto ocorre, certamente em qualquer esfera da sociedade, e a escola é uma delas tanto no sentido de produzir como reproduzir a violência.

Pode-se relacionar o primeiro exemplo à injustiça que impera na sociedade e que a coloca como principal fator dos comportamentos violentos, os quais são incitados como possível saída, escape e até mesmo como repúdio a tais injustiças. Sendo assim a violência

estaria justificada diante da crueldade do sistema social. A segunda justificativa é a de que o ser humano é violento por natureza, sendo controlado pela razão, entretanto vulnerável a ela se de alguma forma for estimulado.

A violência é evidenciada como componente inerente ao ser humano, fazendo parte de sua constituição. É um tanto traumático aceitar este pensamento, entretanto, ao observar a humanidade no decorrer de sua história, não é possível pensar diferente.

Entretanto, se ao homem pertence o veneno que tanto mal lhe causa é ele também detentor do antídoto deste mal. O ser humano, é dotado de inteligência, razão emoção e tem a possibilidade de “dominar” cada um de seus dotes.

Acredita-se que o ser humano nasce com várias características que lhe são intrínsecas, porém o ser se torna humano à medida em que aprende a sê-lo. Somente será um ser humano de fato, se for criado por um. Assim, o homem aprende no decorrer de sua vida coisas que são relativas ao ser humano. Deve-se investir na sociedade no sentido de criar seres humanos que acreditem e desejem a paz ao mesmo tempo que se faça isto com nossa sociedade, para dar fim ao círculo vicioso de homens violentos por não possuir uma sociedade justa que por sua vez se ressentem dos valores de paz não encontrados nos seres humanos que a compõe.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Escola e violência**. Brasília : UNESCO, UCB,2002.

BROTTO, Fabio . O . **Jogos Cooperativos**: Se o importante é competir, o fundamental é cooperar! Santos: Ed, Re-novada, 1997.

CANIVEZ, Patrice. **Educar o cidadão?** Filosofar no presente, Campinas, Papirus, 1991.

CASTRO, W. G. de. **Violência e contra - violência**. Rio de Janeiro:1981.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ed. Ática ,1997.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez,1992.

DADOUN, R.; tradução Pilar Ferreira de Carvalho, Carmem de Carvalho Ferreira. **A violência : ensaio na cerca do “homo violens ” ?** – Rio de Janeiro: DIFEL, 1998. 112p.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador . Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda ,1990.

FOUCAULT, Michel. **Vigilar y castigar**. Madrid: Siglo XXI, 1996.

MORAIS, R. **Violência e Educação**. Campínas:Papirus,1995.

MORIN, E. (1988). **El método III. El conocimiento del conocimiento**. Madrid: CATEDRA.

OLIVEIRA, Luciane Paiva Alves de. 2004. **Violência, corpo e escolarização:** apontamentos à luz da Teoria Crítica da Sociedade. In: Anais do V Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - ANPED SUL.

PEREZ GOMEZ, A.I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

SILVA, Aida . Monteiro. **A Violência na Escola:** A percepção dos alunos e professores. 1995. Mimeo.

WERTHAM, Friedrich. **A marca da violência** . São Paulo: IBRASA- Instituição Brasileira de Difusão Cultural S.A, s/ano.

ZALUAR, Alba . **Violência e Educação.** São Paulo: Cortez, 1992.